

Invasão termina em lamentos

Invasores estavam avisados que barracos que foram construídos em área irregular de Samambaia seriam derrubados mas resistiram

Ana Lúcia Moura
Especial para o **Correio**

Maria Alves Teixeira, 29 anos, acordou com a gritaria dos moradores da rua. Só teve tempo de colocar um vestido, acordar a filha de quatro anos e abrir a única janela da pequena casa de alvenaria, na quadra 601 de Samambaia. Do lado de fora, 20 policiais militares do 11º Batalhão da PM, seis fiscais do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab) e 15 homens do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) anunciavam que o barraco, construído em área irregular, seria derrubado.

Ela chorou, gritou e implorou para que não a retirassem dali. Não houve acordo. Marretadas começaram a derrubar as primeiras paredes. Ainda assim, ela permaneceu dentro de casa, agarrada à filha e aos poucos móveis que tem. Mas, em menos de trinta minutos, todos os tijolos e telhas levantados, nos últimos dois meses, com as economias que ela conseguiu arrecadar trabalhando como faxineira em um hotel do Plano Piloto, estavam no chão.

Em pé, em meio aos escombros, restaram apenas a geladeira, uma cama de solteiro, forrada com lençol cor-de-rosa, e uma pequena estante com roupas empoeiradas. Sentada no chão, Maria olhava para os lados desesperada. Para ela, era o fim do que parecia ser apenas o início de um sonho. O sonho em ter uma casa própria e nunca mais pagar aluguel. "E agora?", perguntava em voz alta, sem conseguir conter as lágrimas, que ela enxugava com um pedaço do vestido. "Não tenho para onde ir", dizia.

Incorformados, os moradores da quadra gritavam e xingavam os policiais. Mas a operação continuou. O objetivo do Idhab era desocupar ontem os 30 lotes invadidos na quadra. A casa de Maria Alves foi apenas a primeira das dezoito derrubadas. Foram retirados também quatro barracos de madeira e todas as cercas já delimitadas pelos mo-

radores. Cerca de 120 pessoas ficaram desabrigadas.

Segundo o chefe de fiscalização do Idhab, Cláudio Martins de Pinho os moradores foram avisados há oito dias pela Administração de Samambaia que a operação aconteceria ontem. "Existem centenas de família aguardando um lote aqui e não podemos permitir que outros entrem na frente e ocupem o local", justificou. De acordo com o chefe de gabinete do Idhab, Paulo Valério, o número de terrenos invadidos no Distrito Federal aumentou muito no últimos dois meses. "O processo está se acelerando, mas não vamos legalizar os invasores. Todos que ocuparem áreas ilegais daqui para o final do ano vão ser retirados", alertou.

A operação ontem em Samambaia começou às 9h e durou todo o dia. Mas não foi fácil retirar os invasores. Enquanto a maioria resistia dentro das casas, colocando em risco a própria vida, outros faziam passeatas nas ruas. Em cima de um caminhão de som, os mais exaltados acusavam os policiais e toda a equipe de "assassinos".

Um carro do Idhab foi atingido por um coquetel molotov e a equipe do Corpo de Bombeiros acionada para dar reforço. O fogo foi apagado antes que provocasse danos maiores, mas os bancos ficaram completamente queimados. Dois suspeitos não identificados foram levados para a Delegacia de Samambaia. Até o final da tarde ainda estavam sendo ouvidos.

Mas os protestos não interromperam a operação. Eliana Severo Nunes, 18 anos, resistiu até o final. Com a filha de três meses no colo, ela permaneceu dentro do barraco enquanto a equipe do SLU quebrava as paredes. Nem mesmo o marido e a mãe convenceram Eliana a sair de dentro da casa. "Quero ver se eles tem coragem de colocar um dedo em mim", gritava.

Enquanto os fiscais tentavam retirar Eliana para derrubar a última parede e passar o trator, os moradores do conjunto 11 esperavam den-

Fotos: Edson Gés



Eliane Severo, com o filho no colo, permaneceu dentro do barraco enquanto os fiscais demoliam as paredes

tro de casa desesperados. Francisco Artemi Soares, 25 anos, e Maria Martha Torres, 23, assistiam tudo pela janela.

Grávida de cinco meses e com a filha de dois anos no colo, Maria não conseguia chorar, mas no rosto trazia a incerteza de como seriam os

dias dali para frente. "Eu e meu marido estamos desempregados e invadimos a área porque não tínhamos como pagar aluguel", contou.